

EFEITOS DA
PRESENÇA DE
FREDA INDURSKY
NA ANÁLISE DO
DISCURSO

Carolina Fernandes
Andréia da Silva Daltoé
Giovani Forgiarini Aiub
(organizadores)

EFEITOS DA
PRESENÇA DE
FREDA INDURSKY
NA ANÁLISE DO
DISCURSO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Efeitos da Presença de Freda Indursky na Análise do Discurso / Carolina Fernandes, Andréia da Silva Daltoé / Giovani Forgiarini Aiub. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2022.

ISBN 978-85-7591-643-8

1. Análise do Discurso 2. Discurso político, 3. Mídia, 4. Resistência, 5. Materialidades significantes.

Índices para catálogo sistemático:

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final do autor
bibliotecária: Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 2

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Vale refletir sobre esses processos ideologicamente heterogêneos, contraditórios, assimétricos e deslocadores, considerando-os relacionados a transformações práticas, que aparecem perante nossos olhos nas formas sócio-históricas da subjetividade, nos métodos organizacionais das lutas, na percepção dos acontecimentos e nos registros da discursividade. Essas reflexões precisam ter a coragem de assumir riscos...

Michel Pêcheux (1982).
Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal?

SUMÁRIO

Apresentação

O ENLACE ENTRE ESCRITA E AFETO EM TORNO
DA OBRA DE FREDA INDURSKY

*Carolina Fernandes, Andréia da Silva Daltoé e
Giovani Forgiarini Aiub*

ENTREVISTA COM FREDA INDURSKY

Membros do Grupo de estudos Pêcheuxianos

Primeira Parte

DISCURSO POLÍTICO/MILITAR

REVOLUÇÃO, GOLPE, IMPEACHMENT: PORQUE NÃO
PODEMOS SER INDIFERENTES ÀS PALAVRAS

Andréia da Silva Daltoé

O DISCURSO E SUAS MATERIALIZAÇÕES: A LUTA
PELOS SENTIDOS A PARTIR DE UMA DISCURSIVIDADE
CORPORAL DE SUJEITOS TRABALHADORES

*Ercília Ana Cazarin, Mariana Jantsch de Souza e
Naiara Souza da Silva*

DISJUNTIVAS E DETERMINAÇÃO DISCURSIVA: UMA
ANÁLISE DO LEMA DAS LIGAS CAMPONESAS

Rodrigo Oliveira Fonseca

MARCAS DE UMA MEMÓRIA MILITAR:

SOMOS UMA FORÇA FORTE

Aretuza Pereira dos Santos

Segunda Parte

SUJEITO, IDENTIFICAÇÃO, RESISTÊNCIA E MILITÂNCIA

CORPO, ARTE E DISCURSO DE RESISTÊNCIA NA

PERFORMANCE *UN VIOLADOR EN TU CAMINO*

Carolina Fernandes e Larissa do Prado Martins

O CORPO EM PERFORMANCE: REPETIÇÕES E

RESSIGNIFICAÇÕES DOS SENTIDOS NO TEMPO

Lucélia Gonçalves da Silva e Cristina Zanella Rodrigues

O FENÔMENO DA INTERLOCUÇÃO DISCURSIVA:

O CASO DO LITÍGIO ENTRE ÍNDIOS E BRANCOS

EM TORNO DA QUESTÃO BELO MONTE

Alessandro Nobre Galvão

PROTESTOS E RESISTÊNCIA: UM OLHAR PARA AS

MANIFESTAÇÕES DO SÉCULO XXI NO BRASIL

Tiago Alves da Silva Lopes e Luciana Iost Vinhas

Terceira Parte

DISCURSO DA/NA MÍDIA

‘PAUSA NA PROGRAMAÇÃO’: REPETIBILIDADE E

CONSTITUIÇÃO DE SENTIDOS NOS INTERVALOS

DE UM CANAL DE NOTÍCIAS

Aline Reinhardt-Silveira

RECONFIGURAÇÃO NO FAZER PUBLICITÁRIO:
SUJEITOS EM CONTRA-IDENTIFICAÇÃO
NAS CONSULTORIAS DE DIVERSIDADE

Fábio Hansen e Arthur Henrique Monteiro Silva

MÃE EMPREENDEDORA: A REPRESENTAÇÃO DE
MULHERES TRABALHADORAS NA MÍDIA DURANTE
A PANDEMIA DE COVID-19

*Bruna Vitória Tejada, Suzana Schmechel de Ávila e
Virginia Lucena Caetano*

Quarta Parte

LEITURA E COMPREENSÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO

“PATROA” E “MULHER-SOLTEIRA”: MOVIMENTOS
DE LEITURA DOS COMUNICADOS DO GOOGLE
E DA OXFORD LANGUAGES

Paula Daniele Pavan

INTERCAMBIABILIDADE: UM OUTRO OLHAR
SOBRE A TROCA DE PAPÉIS NO DISCURSO

Marilei Resmini Grantham

FORMAÇÃO DISCURSIVA (NOÇÃO MERECEDORA
DA LUTA QUE TIVEMOS POR ELA): DESLIZAMENTOS
DE SENTIDO AO DIZER NA LÍNGUA DO OUTRO

Giovani Forgiarini Aiub

NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO
DO CONHECIMENTO DISCURSIVO

Verli Petri

SOBRE OS AUTORES

Apresentação
O ENLACE ENTRE ESCRITA
E AFETO EM TORNO DA OBRA
DE FREDIA INDURSKY

*Carolina Fernandes
Andréia da Silva Daltoé
Giovani Forgiarini Aiub*

Esta obra nasce de um desejo coletivo de homenagear a professora e renomada analista de discurso, Freda Indursky, cujo trabalho é referência imprescindível para os membros do Grupo de Estudos Pêcheuxtianos (GEP). Neste texto de apresentação, vamos tentar mostrar como a formação do grupo tem estreita relação com nossa homenageada.

O GEP, quando de sua constituição, foi idealizado por um grupo de estudantes do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande de Sul (PPGLEtras/UFRGS). À época, todos os membros do GEP ou eram alunos ou eram orientandos da professora Freda Indursky. Portanto, com o propósito de ampliarmos nosso escopo teórico, o grupo buscou estudar em profundidade a obra de Michel Pêcheux e de seus co-

laboradores, e instituiu a prática da realização mensal de um encontro presencial para ler e discutir obras de referência para a Análise do Discurso de linha materialista.

A partir das anotações da líder do grupo, identificamos que a primeira reunião do GEP ocorreu no dia 24 de agosto de 2012, no *solarium* do Instituto de Letras, Campus do Vale da UFRGS. Naquele dia, estavam presentes os seguintes componentes: Carolina Fernandes, Paula Daniele Pavan, Rodrigo Oliveira Fonseca, que fazem parte do grupo até hoje, e Ingrid Gonçalves Caseira, cuja participação se deu até o ano de 2017. Entre 2012 e 2013, o grupo se consolidou com o ingresso de mais participantes advindos do PPGLetras/UFRGS e, principalmente, com o registro no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, certificado pela Unipampa, instituição em que atua a líder do grupo, Carolina Fernandes.

Assim, conforme o tempo se encarregava de dar fim aos estudos de mestrado e de doutorado dos primeiros membros do GEP, muitos passaram a atuar em instituições distantes de onde tudo começou, portanto a ida ao Instituto de Letras da UFRGS não era algo simples, devido ao fato de que muitos de nós já estávamos atuando no interior do Rio Grande do Sul e até mesmo fora do estado. Diferentemente do que ocorre nos tempos atuais, esta foi a razão pela qual as reuniões passaram a ser de forma virtual a partir de 2011, o que seguramente favoreceu a permanência da maioria de nós e possibilitou o ingresso de novos pesquisadores.

Com a nossa atuação em diferentes instituições de ensino e com registro formal do grupo junto ao CNPq, o GEP ganhou um novo estatuto e sua composição passou a ter também, ao longo dos anos, estudantes de graduação e de pós-graduação das instituições das quais os pesquisadores fazem parte.

Feito este breve histórico, vale dizer que o GEP atualmente é composto pelos seguintes pesquisadores: Carolina Fernandes (Unipampa – líder do grupo), Rodrigo Oliveira Fonseca (UFSB – vice-líder do grupo), Andréia da Silva Daltoé (UNISUL), Alessandro Nobre Galvão (UFPA), Aline Reinhardt-Silveira (Unipampa/UFPel), Aretuza Pereira dos Santos (UNEB), Ceila Maria Ferreira Batista (UFRJ), Cristina Zanella Rodrigues (IFSul), Giovanni Forgiarini Aiub (IFRS), Luciana Iost Vinhas (UFRGS), Maurício Beck (UESC), Naiara Souza da Silva (UFPel) e Paula Daniele Pavan (Unipampa). Com este grupo atuante em diferentes instituições, nossas atividades passaram a ser planejadas anualmente e ocorrem, periodicamente, de modo virtual, integrando os membros pesquisadores e seus orientandos em encontros de discussões teóricas sobre a produção de Michel Pêcheux, bem como as de outros autores que sustentam o alicerce da Análise do Discurso de vertente materialista. Acreditamos que as discussões são frutíferas para as pesquisas dos membros do grupo, pois convergem em produções escritas, tal como a materializada no dossiê sobre “Os estudos pêcheuxtianos hoje”, publicado em 2019 no volume 19, número 1, da Revista *Linguagem em (Dis)curso* (UNISUL), além ainda de diversas produções individuais e participações em eventos.

Foi, então, num desses encontros mensais, que o grupo pensou em realizar uma homenagem a quem tanto nos ensinou e, de alguma forma, proporcionou que nos reuníssemos para conversar sobre nossos projetos de pesquisa, nossas leituras, nossas compreensões da teoria: uma homenagem, materializada na forma de livro, que acontece justamente no ano em que o GEP completa dez anos de sua (r)existência.

A partir desta vontade, no primeiro semestre de 2021, desenvolvemos um cronograma de leituras das

produções de Indursky, agrupadas pelos temas recorrentes de suas análises, a saber: Discurso político/militar; Sujeito, identificação, resistência e militância; Discurso da/na mídia; Leitura e compreensão da Análise do Discurso. Assim, seguindo a dinâmica de estudos do grupo, os pesquisadores dividiram-se na condução da leitura desses textos, e seis encontros foram realizados para discussão teórica entre pesquisadores e orientandos de iniciação científica e de pós-graduação. Para cada encontro, foram selecionados de dois a três textos que foram discutidos junto à mobilização de alguns *corpora*, cuja análise foi aprimorada para a escrita dos capítulos.

Portanto, os textos que compõem este livro foram escritos por membros do GEP, mas não só. Com o propósito de ampliar o leque de autores, foram convidados todos os ex-orientandos da Profa. Freda Indursky. Com a participação da maioria, o livro que apresentamos aqui, no nosso entendimento, agregou ainda mais valor para a composição da homenagem, por conta do vínculo de afeto e de gratidão que os autores mantêm com a autora e amiga Freda.

Além desses textos, também faz parte da obra uma entrevista com a própria homenageada. Em agosto de 2021, ainda durante o período de isolamento social por conta da pandemia de COVID-19, o grupo reuniu-se em videochamada com a professora Freda. Nesta conversa, os membros do GEP tiveram a oportunidade de fazer perguntas a ela sobre sua vida, sua obra e sobre o momento político atual.

É com esta entrevista, em tom de conversa pouco formal, que inauguramos os textos do livro. Os capítulos que seguem são divididos em quatro partes, cujos temas estão relacionados aos estudos do grupo no ano

de 2021, baseados nos eixos que norteiam a pesquisa de Freda Indursky. Para além da própria produção intelectual, solicitamos a cada um dos autores da obra que escrevessem um breve texto que mobilizasse a sua relação com Freda e como esta relação orientou a escrita de seus textos. Chamamos estes pequenos textos, por convenção, de depoimentos, muito embora pudessem também ser a materialização, no texto, do carinho e afeto que temos por Freda.

Na primeira parte do livro, os escritos têm relação com o *Discurso Político/Militar* e inauguram esta seção o texto *Revolução, golpe, impeachment: porque não podemos ser indiferentes às palavras*, produzido por Andréia da Silva Daltoé, que assim o apresenta: “No capítulo, procuro fazer jus a uma das tantas contribuições da obra de Indursky, para mim nuclear e decisiva nas pesquisas que realizo: seus estudos sobre as formas de designação e a implicação deste processo no modo como a política e o político atravessam a língua, fazendo dela um terreno de disputas. Procuro, a partir deste recorte temático, investigar as palavras *revolução, golpe e impeachment* e, desse modo, colocar em jogo a política, enquanto forma de governar, e o político da/na língua implicado na noção de história e de luta de classes que nos é cara. Ao lado desta proposta, o presente artigo tenta ainda dizer do tanto que Freda Indursky, na sua força de mulher, pesquisadora, professora e - com a honra maior do mundo - orientadora, determina, influencia e apoia minha caminhada. As palavras são precárias. Sabemos disso já na teoria. Mas nada como experimentar tal funcionamento a cada vez que tento dizer da importância de Freda na minha vida. Vou continuar tentando achar as palavras que possam dizer deste privilégio... Por ora, meu sempre muito obrigada ao universo pelos caminhos que me levaram a ela e

permitiram conviver com toda sua força de pesquisa e de consequência com a escuta do social. Sou um ser humano e uma pesquisadora outra depois dela. E isso foi decisivo e salvador”.

Na sequência do texto de Daltoé, há uma produção a seis mãos, cujo título é *O discurso e suas materializações: a luta pelos sentidos a partir de uma discursividade corporal de sujeitos trabalhadores*, produzido por Ercília Ana Cazarin, Mariana Jantsch de Souza e Naiara Souza da Silva. Os depoimentos das autoras são divididos em duas partes, sendo um escrito individualmente por Ercília e o outro, por Mariana e Naiara. Ercília diz: “Há quase 30 anos, Freda Indursky, recém chegada da UNICAMP, iniciava suas atividades na Pós-Graduação em Letras, na UFRGS. Foi nesse momento que tive a feliz oportunidade de ser sua aluna. Positivamente impactada já na primeira aula, tomei a liberdade de convidá-la para me orientar na dissertação - Indursky foi quem me abriu caminhos para a pesquisa em Análise de Discurso de filiação pecheutiana. Na sequência, foi orientadora de meu doutorado.

Desde então, estabeleci um forte laço com Freda: professora, orientadora e, no decorrer do tempo, amiga... companheira de ideias. Seus textos serviram como fonte de inspiração tanto para minhas pesquisas, como para trabalhar em aula com meus/minhas alunos/as. No texto que aqui apresento, duas ex-orientandas (“netas” de Freda) me acompanham – Mariana e Naiara. A elas procurei repassar o cuidado acadêmico que Freda sempre teve com a teoria, mas também o carinho e o respeito que dela recebi. Sou grata por ter tido a Freda no meu caminho”.

Por sua vez, o depoimento de Mariana e Naiara se entrelaça ao que nos trouxe Ercília já fazendo a apresentação da produção conjunta: “Freda Indursky para

nós duas é fonte de inspiração e referência bibliográfica que nos acompanha desde os primeiros passos nos estudos em Análise de Discurso. A professora representa a força de um sujeito resistente em meio ao cenário político passado e presente, fazendo uso da linguagem para a luta, para expor os olhares à opacidade de sentidos e às barbáries que subjazem aos diferentes discursos em circulação social. Enquanto “netas de Freda”, tal como pontuou nossa orientadora Ercília Ana Cazarin, procuramos estar atentas à teoria com o cuidado acadêmico que Ercília herdou de Freda, legado que buscamos repassar aos nossos alunos com respeito, humildade e carinho.

Assim, o texto, que nesta obra escrevemos junto com Ercília, tem como ponto central compreender como o político se representa na construção do processo de identificação de sujeitos trabalhadores ao discurso de/sobre Lula, a partir de uma sequência imagética. Propomos considerar nosso objeto simbólico como um exemplo de resistência que a decisão da Suprema Corte Constitucional brasileira passou a possibilitar. Pois, nesse panorama, entendemos que tal acontecimento histórico abriu espaço para a movimentação de sentidos que estavam em processo de silenciamento, os quais, a partir daí, puderam ser recuperados pelo viés da memória discursiva. Assim, essas reflexões materializam um gesto de gratidão a tudo que a professora Freda Indursky representa para a área de estudos em Análise Materialista de Discurso, bem como em nossa trajetória de pesquisadoras. E, nesta obra, unimo-nos aos colegas em afeto, resistência e práxis teórica por meio de gestos de leitura e interpretação de sentidos que se movem na (in)visibilidade das práticas cotidianas num cenário político de crises globais de diversas ordens, sobretudo humanitárias”.

O terceiro texto desta primeira parte é escrito por Rodrigo Oliveira Fonseca e tem como título *Disjuntivas e determinação discursiva: uma análise do lema das ligas camponesas*. Em seu depoimento, Rodrigo escreve: “Na época em que eu comecei a pensar em fazer um doutorado no campo da Análise do Discurso, a Freda Indursky era para mim um sonho de orientação, daí a brincadeira (séria) de chamá-la de “minha forma-sujeito”, pela estima em relação à sua capacidade analítica, pelo trabalho dela com o arquivo da política e pelo gosto, cuidado e objetividade da escrita que a gente vê nos seus textos. Saí de Manaus para Porto Alegre abrindo mão do emprego - eu era 40h em uma universidade particular - e encarando o risco de não conseguir bolsa, mas nem por isso tive qualquer dúvida quanto à decisão tomada. Aqueles meus anos dou(to)ra(n)dos tinham como verdadeiros eventos - o que não significa dizer que foram poucos, para a minha felicidade - aqueles dias de orientação com ela. Digo *dias* porque realmente não tínhamos hora, eu não percebia o tempo passando, parecia a mim que ele parava, e quando a gente terminava eu saía com a sensação de ter passado por uma qualificação, saía com a cabeça a mil. Sua confiança depositada em mim me deu a oportunidade, como bolsista Reuni, de lecionar (sempre assistido por ela) a cadeira de Introdução à Análise do Discurso na graduação em Letras, o que evidentemente contribuiu de forma insofismável com a minha formação teórica e docente no ensino superior. Por tudo isso e mais, Freda segue sendo essa referência que é para mim, como autora, orientadora e pessoa.

O texto que produzi para essa homenagem a ela começou a ser esboçado com alguns apontamentos feitos para uma banca de doutorado da qual eu e Freda participamos juntos, a memorável banca de Fabiana de Souza,

sobre as Ligas Camponesas. Consegui, assim, articular um tema caro à minha ex-orientadora, a luta pela reforma agrária, com uma das muitas contribuições teórico-analíticas que percebo na sua obra, a conceituação de determinação discursiva. Acrescentei um tema recente para mim, as estruturas disjuntivas, e uma pesquisa de base histórica voltada à compreensão do espaço de memória em que o enunciado Reforma Agrária, na lei ou na marra se realizava como discurso na conjuntura política anterior ao golpe de 1964”.

Encerrando a primeira parte deste livro, temos a produção de Aretuza Pereira dos Santos, ex-orientanda de Rodrigo, com o texto intitulado *Marcas de uma memória militar: somos uma força forte*. Aretuza depõe assim: “No ano de 2014, o meu então coorientador Rodrigo Fonseca, ex-orientando da professora Freda, disse-me que, para prosseguimento de minha pesquisa, não poderia deixar de ler “A fala dos quartéis e as outras vozes”. Ao ler o posfácio, apaixonei-me. A sua experiência de vida e a consistência teórica marcaram substancialmente minha vida. Enquanto militar, quis homenageá-la discutindo sobre os slogans representativos das vozes militares e o quanto a propaganda caminha em paralelo com as políticas do Estado, buscando construir, desconstruir e reconstruir a visão estigmatizada da atuação da polícia militar associada ao mecanismo de força de controle, repressão e coerção das leis do Estado”.

Na segunda parte deste livro, são arrolados quatro textos que mobilizam o tema *Sujeito, identificação, resistência e militância*. Abre a seção a escrita de Carolina Fernandes e Larissa do Prado Martins, com o texto intitulado *Corpo, arte e discurso de resistência na performance ‘un violador en tu camino’*. As autoras trazem, cada uma delas, um depoimento sobre sua relação com Freda.

Iniciamos com o que nos diz Larissa: “Desde que iniciei as minhas pesquisas na área da Análise de Discurso de vertente materialista, passei a ter contato com os textos escritos pela profa. Freda Indursky, os quais me ajudaram a compreender melhor os conceitos estudados na AD de forma clara, crítica e objetiva. Por isso, conhecê-la por meio de seus textos, e até mesmo através da entrevista feita a partir do encontro da GEP (Grupo de Estudos Pêcheuxianos), me incentivou a pensar que o ‘deslimite’ ao qual ela se refere na entrevista é o grande motivador para que nós, professores e analistas em formação, possamos seguir mobilizando discussões e resistindo às opressões. Portanto, fico imensamente feliz e me sinto honrada por fazer parte da escrita deste livro que a homenageia”.

Carolina também reforça seu laço de afeto com Freda e faz referência à produção das autoras com o depoimento: “O texto que escrevo com Larissa Martins é fruto de uma orientação em iniciação científica baseada nas reflexões que Freda faz sobre o funcionamento da resistência em protestos e movimentos sociais e do discurso militante. Suas análises sobre o movimento social MST contribuem enormemente para essa produção, sendo que os conceitos de Acontecimento Discursivo e Acontecimento Enunciativo (noção esta de sua autoria) foram peças-chaves mobilizadas para concluir a pesquisa.

Freda Indursky é uma referência para nós enquanto mulheres pesquisadoras e analistas de discurso, e também para mim como professora e orientadora na área, aprendi com ela a ler nos detalhes, a nada deixar passar, a ser firme, mas dialógica. Tendo sido sua filha teórica (como carinhosamente metaforizamos), produziu em mim mais que conhecimento, me deu amparo e confiança para ser a pesquisadora que sou hoje, um pouco ousada,

como ela mesma me disse no mestrado, em 2006, mas um tanto segura de que minha formação de analista do discurso foi sólida e se faz pertinente graças às contribuições que ela não cessa de nos legar”.

O segundo capítulo desta seção é uma produção conjunta entre Lucélia Gonçalves da Silva e Cristiana Zanella Rodrigues. As autoras intitulam seu texto *O corpo em performance: repetições e ressignificações dos sentidos no tempo* e ambas fazem o seguinte depoimento: “Em nosso cotidiano de diálogo sobre inquietações discursivas, a professora Freda Indursky aparece como inspiração de luta bem escrita e do bom pontuar teoricamente. As reflexões apresentadas em suas falas nos mais variados eventos de estudos da linguagem e do discurso, e em suas publicações, fazem-se presentes no gesto de interpretação construído em diversas análises que colocamos em movimento. Para o capítulo deste livro que a homenageia, tomamos por base suas reflexões sobre o funcionamento da memória discursiva, a partir da análise de materialidades artísticas. Somos gratas pelas suas palavras e ensinamentos, que nos guiam pelos caminhos do mau sujeito”.

O terceiro capítulo desta segunda parte é um texto de Alessandro Nobre Galvão, intitulado *O fenômeno da interlocação discursiva: o caso do litígio entre índios e brancos em torno da questão Belo Monte*. Galvão fala de sua relação com Freda e de como esta relação proporcionou a produção do texto: “Minha história com a querida Professora Freda Indursky começa em 2015 quando participei da sétima edição do Seminário de Análise do Discurso – SEAD, na Universidade Federal de Pernambuco. Durante a apresentação de um trabalho centrado na figura do porta-voz, ela fez riquíssimas intervenções, as quais me deram a ver questões muito produtivas naqueles dados

analisados. Tomei coragem de convidá-la para compor minha banca de qualificação, convite que prontamente aceitou. Mais adiante, surgiu a oportunidade de realizar, sob sua supervisão, um estágio sanduíche na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na ocasião, pude experimentar um crescimento ímpar enquanto pesquisador, pois, movida por um sentimento de generosidade que lhe é constitutivo, acolheu-me como aluno de uma disciplina planejada especificamente para ajudar-me na construção de minha tese de doutoramento. Conviver com a Professora Freda foi uma experiência que para mim transcendeu o aspecto da formação acadêmica na medida em que me tornei um ser humano muito melhor.

O capítulo que ora apresento para compor este livro em sua homenagem fundamenta-se em sua teorização sobre o fenômeno da interlocução discursiva, tendo em vista a análise do funcionamento do discurso de recusa radical ao complexo hidrelétrico Belo Monte, discurso esse assumido pelo Movimento Xingu Vivo para Sempre. Meu *corpus* discursivo compõe-se de trechos de reportagens retirados da extinta revista Manchete, nos quais examino os processos discursivos implicados no tipo de interlocução discursiva que se processa entre brancos e índios, cada qual inscrevendo-se, respectivamente, nos polos A e B da interlocução, cujas determinações sócio-históricas ideológicas nos permitirão vislumbrar quem tem um lugar de visibilidade na chamada partilha do sensível (RANCIÈRE, 1996). Movi-me, portanto, no intento de responder à questão: afinal, há diálogo entre interlocutores cujas posições discursivas inscrevem-se em FD tão antagônicas?”.

Para fechar esta seção, há mais uma produção a quatro mãos, de Tiago Alves da Silva Lopes e Luciana Iost Vinhas, com o título *Protestos e resistência: um olhar*

para as manifestações do século XXI no Brasil. Tanto Tiago como Luciana materializam a relação com Freda por meio dos seguintes depoimentos. Iniciamos com as palavras Tiago: “Conheci a teoria da Análise de Discurso Materialista em 2019, na UFPel, quando fiz uma cadeira como aluno especial com a profa. Aracy Ernst no PPGL da universidade. Mesmo considerando que estou há pouco tempo na área, já tive o privilégio de conhecer grandes referências da AD, que logo virariam minhas inspirações como pesquisador. Uma das grandes honras foi ter contado com a presença da profa. Freda Indursky nas minhas bancas de mestrado. O convite para as bancas não foi por acaso, mas uma decisão certa entre a minha orientadora, profa. Luciana Vinhas, e eu”.

Vinhas complementa ao mobilizar sua relação com Freda e o modo como esta relação possibilitou a produção do capítulo: “No ano de 2011, quando cursei as disciplinas do Doutorado da UFRGS, a professora Freda não estava ofertando nenhuma cadeira. Eu escutava pelos corredores que “as aulas da Freda eram maravilhosas” e, até hoje, tento conviver com essa coisa mal resolvida na minha formação. Mesmo assim, posso dizer que a professora Freda esteve/está comigo ao longo de todo o meu percurso acadêmico – nas palestras, nas bancas, nas referências bibliográficas das disciplinas... ela é onipresente, e sempre comparece em textos que escrevo e em trabalhos que oriento. Os efeitos da presença da Freda na AD são incomensuráveis. Que privilégio poder homenageá-la junto com o GEP!

Os trabalhos da profa. Freda sobre os protestos estiveram presentes em quase todo o trabalho que desenvolvemos, Tiago e eu. A disputa nas ruas é elemento central para entendimento dos acontecimentos políticos da década de 2010 no Brasil. Disputas centrais como ju-

nho de 2013, o golpe de 2016 e a prisão de Lula em 2018 foram constituídas por manifestações de apoio e revolta, atravessadas por dizeres heterogêneos em faixas, manifestos, gritos de ordem, entre outros. Essas diferentes materialidades e acontecimentos foram analisados pelo olhar perspicaz da autora ancorado na AD, sendo contribuições incontornáveis para uma compreensão apurada sobre o atual quadro da disputa política no país. Ficamos felizes por podermos dizer que a profa. Freda fez parte da construção da dissertação do Tiago e contribuiu muito nas reflexões, não limitadas aos protestos anteriores, mas principalmente sobre nossa difícil atual conjuntura”.

Passamos para a terceira parte do livro, a qual trata do *Discurso da/na mídia*, sendo composta por três capítulos. Abre esta seção o texto de Aline Reinhardt-Silveira, cujo título é *‘Pausa na programação’: repetibilidade e constituição de sentidos nos intervalos de um canal de notícias*. Tendo sido aluna de Ercília na UCPel, Aline nos conta: “Meu primeiro contato com a Análise de Discurso foi também meu primeiro contato com a obra de Freda Indursky. Fui apresentada a ela e a suas reflexões sobre as noções de formação discursiva, de acontecimento e dos processos de identificação, contra-identificação e desidentificação, pela professora Ercília Cazarin nas primeiras aulas do mestrado em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), e ali soube que havia encontrado, após anos de deriva entre outras áreas, uma “teoria para chamar de minha”. A professora Ercília, que por sua vez foi orientada pela professora Freda, ao me apresentar naqueles primeiros encontros os textos, as análises e as teorizações conduzidas por nossa homenageada neste livro, apresentou-me também uma teoria a qual me permite buscar dar sentido ao mundo que nos rodeia. Ao pensar em Freda Indursky, remeto-me a explicações

claras e análises instigantes, o cuidado no trabalho teórico-analítico, e a sua acessibilidade – tanto para a leitura de sua obra, quanto no acolhimento nas oportunidades que tive de vê-la pessoalmente em eventos da AD. Uma autora e professora a ser lida, relida e homenageada hoje e sempre”.

O segundo capítulo desta seção é a produção de Fábio Hansen e Arthur Henrique Monteiro Silva, com o título *Reconfiguração no fazer publicitário: sujeitos em contra-identificação nas consultorias de diversidade*. Os autores mencionam como Freda também proporcionou teorização no campo publicitário. Segundo eles: “Referência bibliográfica. Referência intelectual. Referência de humanidade, de sensibilidade, de idoneidade. Referência de sabedoria e inteligência. Mais do que a professora que acolheu propostas de pesquisa da área da Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, Freda Indursky ensinou a pensar a noção de sujeito em AD – do desdobramento à fragmentação – a partir da heterogeneidade da formação discursiva materializada nas modalidades de tomada de posição.

Ao deslocar os seus estudos para analisar o sujeito no campo publicitário, acionamos conceitos caros para examinar o funcionamento discursivo no fazer da publicidade, a saber: diferença, contradição e resistência. Por intermédio dos seus escritos, Freda foi a mestra que, cuidadosa e generosamente, incentivou o ingresso de publicitários nas Teorias do Texto e do Discurso nos proporcionando compreender a Análise do Discurso, o acontecimento discursivo e o acontecimento enunciativo. Sua obra, sua conduta e seu legado transcendem a atuação ao campo das Letras. Alcançam estudantes de mestrado e doutorado em Programas de Pós-Graduação em Comunicação para problematizar posições-sujeito no discurso

publicitário. Eterna guia intelectual e amiga. Admiração e respeito pela profissional e pela pessoa. Eis nossa querida homenageada”.

Fechando a terceira parte do livro, temos a produção de Bruna Vitória Tejada, Suzana Schmechel de Ávila e Virginia Lucena Caetano. As autoras apresentam o texto intitulado *‘Mãe empreendedora’: a representação de mulheres trabalhadoras na mídia durante a pandemia de Covid-19*. Cada uma das autoras produz um depoimento sobre Freda. Bruna nos fala que: “Toda pessoa que realiza pesquisas na área da Análise de Discurso Materialista conhece a produção teórica e analítica da professora homenageada nesta obra, nossa querida Freda Indursky. Não há como falar sobre negação, memória e mídia sem beber da fonte de Freda, e esses são somente alguns exemplos que trago em função dos conceitos que mobilizei em meu último texto. Há muito tempo sou encantada por seus textos e por sua facilidade em mobilizar conceitos nada simples, mas, recentemente, a conheci ‘pessoalmente’ por meio das entrevistas do GEP (Grupo de Estudos Pêcheuxianos) e ousou dizer que o mais lindo em Freda é que, com uma carreira absolutamente consolidada, ela ainda se encanta por aqueles que estão iniciando seus passos nessa área que capturou a todos nós, a Análise de Discurso. Ela, generosamente, nos ouve como iguais, com interesse e paciência. É uma honra ter um texto publicado em uma obra que homenageia a professora Freda Indursky que nos é referência por sua competência teórica e ética, uma das maiores pesquisadoras em Análise de discurso da atualidade”.

Suzana também traz palavras que enaltecem a contribuição de Freda para o campo teórico da Análise do Discurso, pois, segundo ela, é: “impossível fazer pesquisa em Análise do Discurso e não conhecer o impecá-

vel trabalho realizado por Freda Indursky. Sua escrita é generosa, encantando a todos com a forma que expõe conceitos e análises. Ao longo da escrita da minha dissertação de mestrado, os textos de Freda Indursky me acompanharam tanto para esclarecer noções teóricas quanto para entender sobre negação. Sua posição comprometida e responsável com a teoria, é um exemplo a ser seguido por nós, analistas do discurso. É uma honra poder fazer parte deste livro que a homenageia”.

Por fim, Virginia relata como Freda a acompanha em sua trajetória acadêmica e apresenta como seus ensinamentos proporcionaram a escrita do capítulo produzido pelas três autoras. Nas palavras dela: “A produção da professora Freda Indursky tem me acompanhado durante toda a trajetória de pesquisa. Durante a iniciação científica, seus textos foram pontes sólidas e seguras, que me permitiram dar os primeiros passos na compreensão da análise de discurso. Na dissertação, sua teorização sobre o funcionamento discursivo da negação alicerçou minha análise. Agora, no processo de escrita da tese, mantenho uma preciosa pastinha com textos da professora Freda. Esta pasta está sempre ao alcance, pois a ela recorro quando quero tirar uma dúvida sobre algum conceito; quando quero pegar algumas palavras emprestadas em citação; e também nos momentos de bloqueio, quando queremos inspiração para seguir produzindo e buscamos alguém que escreve, teoriza e analisa com maestria.

O texto aqui apresentado surge do encontro das pesquisadoras com um crescente de manchetes que tratam dos efeitos da pandemia na vida das mulheres. Na leitura desse material, nosso olhar de analista de discurso foi convocado por uma designação em particular, a designação mãe-empresendedora. A partir da Análise de Discurso Materialista, percorremos o processo dis-

cursivo que colocou essa designação em circulação e buscamos compreender os efeitos desta no imaginário de mulher, de mãe e de trabalho. Para as análises nos ancoramos, em especial, na teorização proposta por Freda Indursky sobre o funcionamento da mídia (Indursky, 2003) e sobre designação (Indursky, 1999[2019]). Nosso objetivo, a exemplo do que foi desenvolvido por Indursky (1999[2019]), é pensar como a designação *mãe empreendedora*, colocada em circulação pela mídia no contexto da pandemia de covid-19, movimentava os imaginários sobre o lugar da mãe e o lugar da mulher empreendedora, na formação social capitalista e patriarcal”.

A derradeira parte deste livro mobiliza o tema *Leitura e compreensão da Análise do Discurso* e é composta por quatro capítulos, que inicia pela escrita de Paula Daniele Pavan. Seu texto mobiliza, entre outras questões, a leitura e tem como título *“Patroa” e “mulher-solteira”: movimentos de leitura dos comunicados do ‘Google’ e da ‘Oxford languages’*. Paula comenta sobre como seu texto foi construído, enfatizando sua relação com Freda. Em suas palavras: “Neste capítulo, mobilizo e (re)leio três escritos por Freda Indursky em diferentes épocas de sua forte trajetória na Análise do Discurso pecheutiana. A escolha desses textos não se deu de forma aleatória, pelo contrário, são textos que marcam a minha formação como analista de discurso. O primeiro deles, fruto de sua Tese de Doutorado, muito me ensina sobre as diferentes vozes materializadas nos discursos e como estas podem de diferentes maneiras se linearizar no fio do dizer. Já o segundo, do início dos anos 2000, me ajuda a entender as práticas de leitura sob a ótica discursiva, mobilizando a heterogeneidade como característica principal do texto e do discurso. Por fim, o texto de 2011, me é tão caro por lançar luz de forma didática em noções complexas do

campo da AD, como memória, interdiscurso e pré-construído. Eis, então, a minha relação de admiração, afeto e gratidão à professora Freda (minha ‘avó teórica’) e sua obra”.

O segundo capítulo da quarta parte é um texto de Marilei Resmini Grantham, intitulado *Intercambiabilidade: um outro olhar sobre a troca de papéis no discurso*. Marilei fala de sua relação com Freda e aponta como se deu a construção deste capítulo. De acordo com a autora: “É com muito orgulho que participo dessa publicação em homenagem à Profa. Dra. Freda Indursky. Conheci Freda Indursky em meu curso de mestrado e foi ela quem me apresentou a Análise do Discurso e abriu-me os caminhos da pesquisa. Mergulhamos juntas, naquela ocasião, num mundo pouco explorado pela Análise do Discurso até então: a literatura, as fábulas. Como resultado desse trabalho, fui a primeira aluna a defender uma dissertação de Mestrado sob a sua orientação. Depois seguimos trabalhando juntas, no Doutorado, desenvolvendo uma pesquisa sobre reticências e interrogações. Com a Freda, aprendi a diferença entre interpretar um texto ou analisá-lo. Com ela, aprendi o real significado da palavra *teorizar*.”

No capítulo que escrevi, desenvolvo a noção de intercambiabilidade, a qual se relaciona fortemente à noção de leitura, amplamente desenvolvida por Indursky em seus textos. Tomo, de forma especial, o texto *A prática discursiva a leitura*, no qual Indursky discute a leitura não a partir de uma subjetividade pessoal, mas sob o ponto de vista de um sujeito histórico, interpelado ideologicamente, o qual, ao praticar a leitura, constitui-se como sujeito-leitor, identificando-se com esse sujeito histórico. À Freda, para sempre minha admiração, meu respeito e minha gratidão”.

O terceiro texto desta seção é uma produção de Giovani Forgiarini Aiub e tem como título *Formação Discursiva (noção merecedora da luta que tivemos por ela): deslizamentos de sentido ao dizer na língua do outro*. O autor, ao falar de sua relação com Freda, também aponta como se deu a construção deste capítulo: “Eu sinto a minha relação com Freda Indursky como um processo que extrapola as questões acadêmicas, embora tenha se fundado absolutamente neste espaço. Freda foi minha professora na graduação, no mestrado e no doutorado, e, junto a isso, orientou-me nestas três etapas. Isso por si só já estabelece um laço de muitos nós, com uma intensidade ímpar. Freda me ensinou a refletir sobre a minha prática docente sendo exemplo de professora. Como orientadora, mostrou-me movimentos pendulares possíveis no campo da Análise do Discurso e deu suporte nos movimentos teórico-analíticos que escolhi traçar. Durante estes anos de orientação, uma das noções da AD que sempre fez parte de nossas conversas foi a de Formação Discursiva. Portanto, neste livro, é justo revisitar um texto de Freda que abordasse essa noção. Em minha produção textual, além de realizar um trabalho de evidente referência ao texto intitulado: *Formação Discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?* (apresentado no II SEAD e publicado em 2007 no livro *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*), analiso cartazes escritos em inglês por sujeitos identificados com o movimento pró-bolsonaro ocorrido em 7 de setembro de 2021”.

Para encerrar esta seção e conseqüentemente o livro, há uma produção que mobiliza a compreensão da Análise do Discurso. Trata-se de um texto de Verli Petri, com o título *Notas sobre a produção do conhecimento discursivo*. Verli nos traz um depoimento que apresenta

sua relação com Freda da seguinte forma: “Falar da Freda é falar de mim! São 22 anos de relacionamento sério, sigo seus passos e ensinamentos, aprendo muito com ela e tantas vezes rimos juntas... Lembro, com muita nitidez, do dia em que propus meu projeto de doutorado a ela (quando ler essa parte ela vai rir gostoso, podem acreditar!), foi no século passado, bem ao sul do mundo... Nesse dia, ela me desafiou a convencê-la de que minha proposta de tese era exequível e reconheceu em mim a característica da persistência. Sim, persisti! Freda Indursky tem muito a ver com a pessoa e a pesquisadora que sou hoje: a orientação com rigor e plena em afeto faz toda a diferença.

Ao propor *Notas sobre a produção do conhecimento discursivo*, tento resgatar elaborações propostas pela homenageada e que nos ajudam a compreender melhor os escritos de Michel Pêcheux. É importante saber mais sobre os textos fundadores produzidos na França para compreender a história da Análise de Discurso no e do Brasil. Para mim, a história de Freda Indursky se entrelaça à história da AD brasileira, impossível falar de uma sem falar da outra. Qualquer coisa que se diga não vai fazer jus ao legado de Freda Indursky até aqui, nem temos como prever as contribuições que ainda virão, mas o certo é que ela faz toda a diferença em nossas vidas!”

Por fim, esperamos, com essas apresentações dos próprios autores, aguçar ainda mais a vontade de percorrer os caminhos deste livro: um livro-homenagem feito de *laços*: palavra a que recorreremos frequentemente nas rodas de confraternização após os eventos ou mesmo no seu decorrer para o famoso brinde: “Aos laços que nos unem!”. Este brinde é a metáfora que nos ajuda a dizer da escrita deste livro: os laços de afeto e de admiração que nos enleiam à professora Freda. São laços que dão

sentido ao nosso modo de estar na teoria a partir de um comprometimento com a escuta do social: lição maior e tão consequente de Indursky.

Este livro fala um pouco disso: de uma escrita que, usando as próprias palavras da autora (2016, p. 35), “consiste em um trabalho de tramar fios discursivos [...] um tecer e retecer de fragmentos de discursos outros”. Fios, laços, costura. Estamos falando de citações que nos fundamentam, as *ipisis litteris* ou as parafrásticas, mas não só. E daí a dificuldade, muitas vezes, de falar deste tanto que nos influencia no modo de pensar as práticas discursivas para além de uma questão intertextual. Nosso ouvido, nosso olhar, nossa sensibilidade para os problemas sociais são outros, não só porque lemos Freda, mas também e porque temos o privilégio de conviver com ela em oportunidades imperdíveis: nos eventos, nos intervalos, nos cafezinhos preciosos, na rede, nas participações hoje *on line* aqui e ali.

Em *As determinações da prática discursiva da escrita* (2016), Indursky discute os diferentes modos de uma escrita de texto se dar enquanto processo, sempre afetada, na sua própria condição de incompletude, pelos elementos que a determinam: uma citação, um retornar às próprias palavras e dizer de outro modo... enfim, o processo nada tranquilo de se colocar diante da falta, das lacunas nunca tamponadas por completo. Isso nos insere na ordem da repetibilidade, discussão que aprendemos tão bem com a autora, mas é condição também de, conforme Indursky (2016, p. 42), “resistir aos sentidos que sua identificação ideológica lhe apresenta como evidentes e passar a questioná-los pelo viés da interpretação”. A autora, então, nos mostra que, mesmo determinados pelas tantas leituras que possamos fazer, pelos tantos já-ditos, somos capazes de produzir derivas, deslocamen-

tos, resistências. Desse modo, ao mesmo tempo em que nos fundamentamos na contribuição teórica de Indursky, somos encorajados a *ousar pensar por nós mesmos*, lição fundamental de Pêcheux (1982[1997]).

Rivera (2005, p. 11), ao se distanciar de uma ideia de escrita enquanto *expressão*, o que supõe algo interno que se dá a ver numa obra, propõe a escrita como *impres-são*. Não como trabalho fixo, uma marca rígida e precisa deixada por um carimbo, mas como um processo cambiante, fluido, que continuamente se transmuta, transformando autor e texto.

Consideramos que este livro fala disso mesmo, da *impressão* de Indursky em nossos trabalhos: ao mesmo tempo em que nos sustenta teoricamente, nos impulsiona a refletir corajosamente sobre nossas questões. E isso nos transforma, nos permite autoria. É assim que sua presença está em nossos escritos: como citação, como inspiração e como coragem.

Referências

INDURSKY, Freda (2003). “Argumentação na mídia: do fio do discurso ao processo discursivo - um contraponto”. *Letras* (Santa Maria), vol. 27, pp. 55-66.

INDURSKY, Freda (2016). As determinações da prática discursiva da escrita. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. v. 12, n. 1, jan./jun., p. 30-47.

INDURSKY, Freda (1999 [2019]). “De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST na imprensa”, in: INDURSKY, Freda. *O discurso*

do/sobre o MST: Movimento Social, Sujeito, Mídia.
Campinas: Pontes.

PÊCHEUX, Michel (1982 [1997]). Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, p. 293-304.

RANCIERE, Jacques (1996). *O desentendimento*. São Paulo: Ed. 34.

RIVERA, Tania (2005). *Guimarães Rosa e a Psicanálise: ensaios sobre imagem e escrita*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.